IDENTIDADE E TERRITÓRIO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS: COMO A MULHER PESCADORA SE VÊ NO PROCESSO LABORAL NA EXTRAÇÃO DA MASSA DO CARANGUEJO?

Iricina Aviz de Oliveira [1]

Propomos aqui ressaltar a importância das mulheres pescadoras artesanais, que em muitos lugares é também chamada, ou elas mesmas se denominam "marisqueiras ou catadeiras", esse é um termo usado entre elas. Aproximadamente são registrados hoje no país cerca de 833 mil pescadores artesanais, mas, existe muitos que ainda não conseguiram fazer esse cadastro, por conta da burocracia exigida, que foge das realidades de onde vivem muitos desses pescadores e pescadoras. Por conta disso muitos ainda vivem na informalidade, por que, o que se contabiliza é aqueles que têm o Registro Geral da Pesca (RGP), mais se sabe que existe muito mais do que esses contabilizados. Os pescadores desenvolvem suas tradições laborais ao longo do tempo independente desse registro, e isso tem causado alguns transtornos de garantia de direitos previdenciários, já que é necessário provar tal profissão através de documentos.

Na Reserva Extrativista Marinha de Caeté – Taperaçu, uma unidade de conservação brasileira de uso sustentável da natureza, localizada no município de Bragança-Pará. Nela há muitas famílias que vivem e sobrevivem dos rios, praias, e daquilo que o imenso mangue oferece. Está acortinada nessa realidade muitas pescadoras (marisqueiras/ catadeiras) que na, e em torno da reserva moram e desenvolvem sua profissão. Elas têm um papel importante para o desenvolvimento social e econômico, vivem especificamente da extração da massa do caranguejo, não é comum a prática das pescadoras irem ao mangue capturarem o caranguejo, e sim é comum entre elas extraírem a massa do caranguejo nas suas próprias cozinhas/casas.

Com o desenvolvimento do trabalho do Conselho Pastoral dos Pescadores no nordeste paraense no município de Bragança passou-se a reunir com as pescadoras no processo de escuta, objetivando fortalecer a categoria, através de reuniões perceberam-se aspectos relevantes do cotidiano das mulheres pescadoras, que precisa ser melhorado, para terem vida mais digna. Elas desenvolvem essa prática passando muitas horas sentadas, sendo que esse trabalho é pouco conhecido. Por outro lado, vale entender como isso se desenvolve no cotidiano das famílias, especificamente das que moram na comunidade da Vila do Treme, área do entorno da Resex, onde a fonte de renda é principalmente o pescado e o caranguejo- uçá.

O processo produtivo destas comunidades tradicionais apresenta características próprias, relacionada de

[1] Mestranda em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Brasil.

forma que integra a natureza ao ecossistema que estão situados, ou seja, é tudo interligado.

O manejo dos recursos naturais está ligado à concepção de desenvolvimento que visam de forma sustentável à manutenção e sobrevivência de suas formas de vida e de conservação dos territórios tradicionais pesqueiros.

> "As Comunidades Tradicionais: são grupos sociais que guardam entre si uma história em comum, uma forma própria de viver e se relacionar com a natureza, são suas tradições, as crenças que os distingue dos membros de outros grupos humanos". (CARTILHA: Projeto de Lei de Iniciativa Popular Sobre Território Pesqueiro, p. 7).

Território e Identidade se entrelaçam, assim encontram-se como centro para a reprodução social destas comunidades, nele há seu universo de trabalho, de relações sociais, políticas e econômicas, onde suas necessidades são criadas e recriadas. São territórios ancestrais, onde se fortalece a identidade.

Pescadora artesanal é uma categoria que é pouco conhecida e aceita, uma das catadeiras relata: "muitos acham que por extrair a massa do caranguejo não sou pescadora, às vezes até o próprio marido".

Podemos considerar que na vila do treme, existe uma divisão sexual do trabalho, onde as mulheres não têm a prática de ir ao mangue e sim é tarefa dos homens. Para entendermos melhor essa relação, vale dizer como é organizada essa cadeia produtiva do caranguejo: O tirador do caranguejo, que é aquele que vai diretamente ao mangue capturá-lo, geralmente vai em grupos ou individual, a maioria deles não são os donos da embarcação, ou seja, eles possuem a presente a figura do "patrão", apenas vende sua força de trabalho. Por sua vez, ao retornarem do mangue já com os caranguejos, o mesmo já é direcionado aos donos, que quase sempre é o proprietário da embarcação. Esses já possuem as suas relações firmadas com as mulheres pescadoras que vão vender sua força de trabalho, sendo esse na maioria das vezes muito desvalorizado. Aqui se inicia uma relação cotidiana entre pescadora, pescadores (tiradores de caranguejo), dono do barco e os chamados "atravessadores".

As pescadoras em suas residências ou na única fábrica de catação de caranguejo que há na Vila do Treme, passam horas extraindo a massa do bicho, sendo que, o que chama atenção é a forma de como as relações são construídas para que toda essa cadeia produtiva aconteça. Vale ressaltar que com 100 caranguejos médios se consegue obter cerca de 2kg e 500 gramas de massa de caranguejo e mais meio quilo de patas. Sendo que o preço do serviço (mão de obra) sai em torno de R$6,00 (seis reais) o quilo de massa extraída.

É nesse cenário que as mulheres pescadoras firmam sua resistência contra a informalidade e invisibilidade. Lutam por melhorias e se sentem importante em poder colaboras nas despesas da família, dizendo "me sinto parte do processo sustentável da minha família, onde posso colaborar diretamente com meus filhos e no sustento da casa". Vale dizer que dentro desse contexto de fortalecimento da profissão, o Conselho Pastoral dos Pescadores tem seu papel de fomentar junto às pescadoras estratégias de melhoria do

aumento de renda da família, e nesse sentido já desenvolveu junto às mesmas, curso de capacitação voltado para culinária com a massa de caranguejo, agregando valor à extração da massa, onde já puderam expor na feira do agricultor seus talentos, se sentindo cada vez mais empoderadas e valorizadas.

Importante dizer que as pescadoras fazem parte ativa da cadeia produtiva do caranguejo-uça, se sente importante, porém ainda se sentem que deveriam ser mais visibilizadas, por não ser tão reconhecida pelo o que fazem na comunidade e sociedade. Outro lado que ressaltam é que muitas se sentem doente por conta do movimento repetitivo da forma que ficam para extrair a massa. Pretende-se cada vez mais tornar visível tal situação. Por exemplo muitas reclamam de: dores contínuas na coluna, pernas inchadas e doloridas, dores nas costas, e articulações comprometidas.

Entende-se que a cadeia produtiva do caranguejo é importante, assim como a vida das pescadoras devem ser mais valorizadas nessa relação profissional, preservando assim a identidade cultural das relações, preservando os mangues, e faz-se necessário aprofundar a jornada de trabalho das pescadoras para melhor intervir no avanço de dar mais visibilidade de suas realidades cotidianas.